

“TUDO ESTÁ EM TUDO”: o desafio da *Panecástica* na alfabetização no Brasil.

Suzana Lopes de Albuquerque¹

Eixo temático: Alfabetização e história

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre a premissa da igualdade das inteligências contida na *Filosofia Panecástica* criada por Joseph Jacotot (1770-1840) bem como apresentar as apropriações desta filosofia e desdobramentos desta ruptura no campo dos métodos de ensino de leitura e escrita da língua materna no império brasileiro (século XIX). A partir de uma leitura da obra *O mestre ignorante* (2015) do filósofo Jacques Rancière, esta discussão em Jacotot torna-se imprescindível na atualidade brasileira para problematizar a questão da emancipação e igualdade nas relações com o saber, opondo-se à uma ordem explicadora de um professor conteudista, reprodutivista e engessado por programas de alfabetização com um viés restritivo de uma marcha metodológica e de uma matriz como a do método fônico de alfabetização, por exemplo. A partir de uma pesquisa bibliográfica e com fontes históricas, busca-se debater a dimensão filosófica contida na *Panecástica* de Jacotot, evocando o “Tudo está em tudo” no ensino da língua materna, debatendo os vínculos entre a dimensão política de uma leitura do mundo relacionada à leitura das palavras, em um processo de subjetivação.

Palavras-chaves: *Panecástica*; Leitura e escrita; História; Alfabetização; PNA.

Introdução

O debate sobre a alfabetização no Brasil em uma perspectiva histórica esteve associado à questão metodológica das marchas sintética ou analítica no ensino da língua materna presente desde as discussões imperiais. No debate brasileiro sobre a história da alfabetização, parece já um consenso o reconhecimento da legitimidade dos momentos que Mortatti (2000, p. 25) apresentou como “cruciais para o movimento histórico em torno da questão dos métodos de alfabetização”.

Albuquerque (2019) relatou sobre esta questão em torno dos métodos ainda na década de 1850, no império brasileiro, no ato da vinda do poeta português António Feliciano de Castilho

¹Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora da área da Educação no IFG – Câmpus Goiânia Oeste. Contato: suzana.albuquerque@ifg.edu.br

(1800-1875) para o Brasil em 1855 para divulgar seu Método Castilho, com a primazia do método fônico de ensino de leitura e da escrita; vinda esta contrastada com os adeptos da Filosofia *Panecástica*², criada pelo francês Joseph Jacotot (1749-1832), uma vez que evocavam o todo, contido na máxima “Tudo está em tudo”.

A tentativa de estabelecer um vínculo entre presente e passado pressupõe a necessidade de analisar variadas fontes de arquivo, sobretudo manuscritas e escritas intencionalmente (jornais, mapas escolares, livros didáticos) ou não (vestígios diversos das escolas de primeiras letras). Na tentativa de estabelecer este vínculo entre presente e passado na história da alfabetização que, na época imperial denominava ensino de língua materna, sem cometer o anacronismo, este artigo vislumbra trazer a atualidade do debate imperial que apresenta a discussão filosófica e política de Jacotot na contramão de um reducionismo técnico da marcha metodológica sintética.

Na obra *O mestre ignorante*, Rancière (2015) esclarece que a centralidade da *Panecástica* de Jacotot não recaía sobre a adoção de métodos mais duros ou suaves, alegres, etc, que desconsiderava a potência da inteligência presente em toda a manifestação humana” (RANCIÈRE, 2015, p.49). Se para Aguayo (1959, p. 182), Jacotot foi o criador do método analítico para o ensino da leitura, Rancière não via necessidade em anunciar Jacotot como “o ancestral do método global (RANCIÈRE, 2015, p.49)” pois este não atribuía tanta importância aos procedimentos colocados em prática; antes buscava a máxima da *Panecástica* e do Ensino Universal³, calcados no princípio da igualdade das inteligências e na subversão da lógica explicadora.

Não se trata de uma questão de método, como em formas tradicionais de aprendizagem, trata-se de uma questão propriamente filosófica: saber se o ato mesmo de receber a palavra do mestre – a palavra do outro – é um testemunho da igualdade ou desigualdade. É também uma questão política, ou seja, saber se o sistema de ensino tem por pressuposto uma desigualdade a ser “reduzida”, ou uma igualdade a ser verificada (RANCIÈRE, 2015, p. 12).

Esta máxima imprime em si a materialidade da igualdade, na medida em que, para

² Segundo Albuquerque (2019), a definição do termo *Panecástica* advém desse princípio da igualdade dos seres falantes, fundamentado na máxima expressa em seu Ensino Universal que “tudo está em tudo”. Rancière (2015) traz essa reciprocidade como da filosofia *Panecástica*, termo esse batizado por Jacotot, a partir da junção de duas palavras gregas, pan = todo e ekastos = cada um, “buscando o *todo* da inteligência humana em *cada* manifestação individual” (RANCIÈRE, 2015, p. 64).

³ “Constatando então o sucesso do método que ele propôs aos estudantes, Jacotot aplicou às outras disciplinas e obteve, também, sucesso. Ele afirmou que seria aplicável à todos os tipos de conhecimento e ele o nomeia Ensino Universal [...] isto é, acesso à autonomia da razão e não a submissão das opiniões” (RAISKY, 2012, p.61-62).

além de reprodutor de informações já conhecidas, o mestre pode ensinar aquilo que se desconhece. Na contramão de uma pedagogia do embrutecimento, de submissão do desejo e vontade do aluno à uma prática de explicações em um processo passivo, a proposta da *Panecástica* vislumbra a emancipação intelectual dos sujeitos a partir de um caminho da analogia.

Em um contexto nacional de elaboração de uma Política Nacional de Alfabetização (2019) baseada em evidências científicas de indicação de um método fônico que, a saber, circula no Brasil desde os tempos de Castilho, urge a potência do pensamento de Jacotot da capacidade de subjetivação a partir da premissa da igualdade das inteligências e de um princípio ativo possibilitado aos sujeitos neste processo.

2 Tudo está em tudo” e o princípio da analogia em Jacotot

A radicalidade do pensamento de Jacotot em relação aos métodos pedagógicos fundamenta-se na contramão da premissa da transferência do pensamento a partir de lógicas explicadoras centrada na primazia do domínio do conhecimento a ser racionalmente impetrado por parte do professor. Radicalidade esta que, em um contexto de efervescência de métodos pedagógicos para o ensino da língua materna, criticava métodos que desconsideravam o princípio da igualdade entre todos os homens, verticalizando a relação entre mestre e aluno até o ponto de suprimir desejo e inteligência, a partir de uma lógica de explicações orais.

Ao elaborar sua proposta de Ensino Universal, Jacotot denunciou uma concepção de criança passiva, civilizada e em suas palavras, embrutecida, em um cenário de reformas pedagógicas anunciadoras de métodos ditos modernos, suaves e ativos que em suas práticas, porém, materializavam na submissão de suas inteligências à de outrem.

O homem – e a criança, em particular – pode ter necessidade de um mestre, quando sua vontade não é suficientemente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho. Mas a sujeição é puramente de vontade a vontade. Ela se torna embrutecedora quando liga uma inteligência a uma outra inteligência. No ato de ensinar e de aprender, há duas vontades e duas inteligências. Chamar-se-á embrutecimento à sua coincidência (RANCIÈRE, 2015, p.31).

A partir da máxima “Tudo está em tudo”, Jacotot defendia a necessidade de não trabalhar “um signo separado do que os representa e sem relação com as circunstâncias” (JACOTOT, 2008, p.104).

Não há homem sobre a terra que não tenha aprendido alguma coisa por si mesmo e sem mestre explicador. Chamemos a essa maneira de aprender “Ensino Universal” e poderemos afirmar: o Ensino Universal existe, de fato, desde o começo do mundo ao lado de todos os métodos explicadores. Esse ensino, por si só, formou, de fato, grandes homens.” Mas, eis o que é estranho: “Todo homem faz essa experiência mil vezes em sua vida, e, no entanto, jamais ocorreu a alguém dizer ao outro: aprendi muitas coisas sem explicações e creio que, como eu, também o podeis [...] nem eu nem quem quer que seja havia pensado em empregar esse método para instruir os outros” (RANCIÈRE, 2015, p.35).

A ruptura evocada por Jacotot passa pela via da igualdade dos seres falantes, na medida em que, para além de reprodutor de informações já conhecidas, o mestre pode ensinar aquilo que se desconhece pela via de um diálogo entre iguais, vislumbrando a emancipação intelectual dos sujeitos pelo caminho da analogia, caracterizada enquanto uma pedagogia que estabelece “relação com as circunstâncias” (JACOTOT, 2008, p.104).

Em um contexto nacional brasileiro de elaboração de uma Política Nacional de Alfabetização (2019) baseada em evidências científicas com a primazia do processo sobre a indicação de um método fônico, por um processo de submissão da inteligência e da capacidade criadora do sujeito à inteligência de um caminho já racionalizado por uma receita metodológica pela via das “lições”, torna-se latente rememorar o desafio metodológico da analogia em Jacotot que propicia práticas como analogia, adivinhação e busca pelo “todo” da *Panecástica*, representada em seu Ensino Universal.

Tudo, para ele, deve proceder por analogia, o movimento de pensar que aproxima graças à sua semelhança, duas palavras, dois fatos, duas ideias. É o que ele expressa ao afirmar que deve ser relacionado. Veremos mais adiante como Jacotot justifica essa afirmação fazendo com que seja coerente essa concepção tanto nas obras humanas quanto nas obras da natureza. Não sabemos que esta operação intelectual é, ao mesmo tempo, operação heurística por excelência mas que é também fonte de erros, nós veremos como nosso pedagogo pretende contornar esta dificuldade, pela verificação (RAISKY, 2012, 39).

A máxima “Tudo está em tudo” revela a necessidade de proceder por analogia, através da relação de um texto, por exemplo, com o contexto. Nas palavras de Paulo Freire (1989), seria o todo relacionável da leitura do mundo precedendo a leitura da palavra. Na busca por uma aproximação entre Paulo Freire e Joseph Jacotot, observa-se um movimento em que as ideias do Ensino Universal e da Filosofia *Panecástica* de Jacotot ressoam como fundo, por exemplo, na pedagogia da dialogicidade.

Eis o ensinamento de Paulo Freire: para ensinar e aprender de uma forma dialógica, todos os saberes necessários merecem ser ouvidos e igualmente atendidos, colocados em diálogo em um mesmo patamar. E é justamente nesse diálogo que um educador ensina e aprende, reconstruindo seus próprios saberes a partir dos saberes de seus educandos (KOHAN, 2019, p.101).

Trazendo a premissa que “as palavras que a criança aprende melhor, aquela em cujo sentido ela penetra mais facilmente, de que se apropria melhor para seu próprio uso, são as que aprende sem mestre explicador” (RANCIÈRE, 2015, p.22), Rancière apresenta o paradoxo envolvendo a aprendizagem da língua materna tendo como tempo de melhor aprendizado o que é realizado sem nenhum mestre, para justificar a necessidade da pedagogia relacional da analogia nos diferentes aprendizados, a partir de um movimento em que

[...] eles escutam e retêm, imitam e repetem, erram e se corrigem, acertam por acaso e recomeçam por método, e, em idade muito tenra para que os explicadores possam realizar sua instrução, são capazes, quase todos “qualquer que seja seu sexo, condição social e cor de pele – de compreender e de falar a língua de seus pais (RANCIÈRE, 2015, p.22).

Neste momento em que “fala-se a eles, e fala-se em torno deles” (Rancière, 2015, p.22), há uma potência na subjetivação, possibilitando que os caminhos da observação, comparação e estabelecimento de relações ocorram. Há aí, um movimento de adivinhação e tentativas de relações interrompido pela prática dos mestres explicadores e de sua racionalidade pedagógica, iniciando a criança-homem e ainda criança-aluno.

[...] Antes, tateava-se, às cegas, as palavras mais ou menos mal recolhidas da boca das mães e amas não esclarecidas, por adivinhação, as ideias falsas retiradas do primeiro contato com o universo material. Agora, começa uma nova era, em que o homem-criança ganha o caminho reto de sua maturidade (RANCIÈRE, 2015, p.124).

A adivinhação é acompanhada da prática da improvisação; “um dos exercícios canônicos do Ensino Universal” (RANCIÈRE, 2015, p.96), entendida como “o exercício pelo qual o ser humano se conhece e se confirma em sua natureza de ser razoável, isto é, de animal “que faz palavras, figuras, comparações para contar o que se pensa a seus semelhantes” (RANCIÈRE, 2015, p.96).

O desafio da prática relacional do “tudo está em tudo” no processo de alfabetização impõe a necessidade de defender a escola não enquanto espaço de guiar a criança pelo

caminho reto de sua maturidade, antes de propiciar pela via do “tente”, “leia”, “adivinha”, “estabeleça relações”, “improvise”, uma tomada de consciência que tal pressuposto do “tudo está em tudo” impõe uma relação entre humanos, que criam, que partilham artefatos e que são capazes de, para além de compreender por uma explicação, dialogar entre iguais. Eis aí outra máxima de Jacotot: a igualdade das inteligências.

A guerra, como qualquer obra humana, é, antes de tudo, ato de palavra. Mas essa palavra recusa a aura de ideias irradiantes do contra-tradutor suscitado por uma outra inteligência ou por um outro discurso. A inteligência não mais se ocupa de adivinhar e de se fazer adivinhar. Ela tem por objetivo o silêncio do outro, a ausência de réplica, a queda dos espíritos na agregação material do consentimento (RANCIÈRE, 2015, p.118).

Caracterizando Jacotot como pedagogo paradoxal, já na capa de seu livro, Raisky (2012) justifica a necessidade da analogia para o enfrentamento do paradoxo entre emancipação intelectual e conformação social. Na leitura desta tomada de consciência da condição de humanização, trabalho e conscientização em Jacotot, abre-se espaço para diálogo com Freire, ao pensar no “homem no mundo e com o mundo” e que “como um ser criador e recriador que, através do trabalho, vai alterando a realidade” (FREIRE, 1974, p.124). E esta tomada de consciência passa pelo ato de palavra.

No ato de palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como *artesão*: alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso (RANCIÈRE, 2015, p.96-97).

Para esta tomada de consciência que rompe com a intransitividade para uma transitividade crítica, evoca-se a necessidade de estabelecer relações, pela prática da “analogia universal, que é uma das vozes mais amplas do espírito humano, e que ele reduziu a expressão pitoresca: Tudo está em tudo” (RAISKY, 2012, p.43).

3 Considerações Finais

Pensando com Rancière nesta necessidade básica de comunicar o pensamento através de uma linguagem articulada aos seus semelhantes, urge a necessidade de rememorar João Cabral de Melo Neto (1975) para quem o silêncio do outro estanca o rio em poço.

Quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água que ele fazia; cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água parálitica. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dionísia: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria (MELO NETO, 1975).

Urge a necessidade de evocar a premissa do discurso-rio, do diálogo, da leitura de um todo elaborado pelo humano na ruptura de pensar o processo de alfabetização a partir do isolamento de pequenas partes que não se comunicam e que tornam verdadeiros poços.

O curso de um rio, seu discurso-rio, chega raramente a se reatar de vez; um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez. Salvo a grandiloquência de uma cheia lhe impondo interina outra linguagem, um rio precisa de muita água em fios para que todos os poços se enfrasem: se reatando, de um para outro poço, em frases curtas, então frase e frase, até a sentença-rio do discurso único em que se tem voz a seca ele combate (MELO NETO, 1985).

Pensando com João Cabral de Melo Neto, observa-se que a necessidade de não estancar em poço o discurso-rio de muitas águas que a perspectiva discursiva de alfabetização traz em sua essência, urge o movimento que a Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF)⁴ tem realizado junto às tentativas de estanques e silenciamentos dos profissionais e pesquisadores da área na elaboração das políticas públicas para alfabetização. Torna-se, assim, potente a filosofia *Panecástica* que busca pelo curso da analogia o todo deste rio na ruptura de um poço estancado como metodologia na atual Política Nacional de Alfabetização (2019).

Apesar de ser silenciado no Brasil império aos dias atuais, a potente filosofia *Panecástica* ressoa na própria PNA, mesmo que a contragosto. Enquanto fundamenta-se em estudos como “Developing early literacy: report of the national early literacy panel”, a PNA elenca autores internacionais como Ehri (2013) que, frente à edição do “Literacy Studies Perspectives from Cognitive Neurosciences, Linguistics, Psychology and Education”, mesmo não sendo autora do primeiro capítulo, foi apresentada logo na abertura da coletânea a potente ruptura apresentada por Jacotot frente à leitura do todo. Supõe-se daí que tais silenciamentos, para além de desconhecimento, referem-se à projetos de nação.

⁴ <https://www.abalf.org.br/posicionamentos>

Referências

- AGUAYO, A.M. **Didática da Escola Nova**. J. B. Damasco Penna e Antônio D'avila (trad. e notas). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959. (Atualidades Pedagógicas, 15.)
- ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. **Métodos de ensino de leitura no Império brasileiro**: Antônio Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot. 2019. 240f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, USP, 2019.
- BOTO, Carlota. **A liturgia da escola moderna**: saberes, valores, atitudes e exemplos. Hist. Educ. [Online] Porto Alegre v. 18 n. 44 Set./dez. 2014 p. 99-127.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**. Política Nacional de Alfabetização. Secretaria da Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Editora Paz e Terra Ltda, 1974.
_____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Editora Paz e Terra Ltda, 1974.
_____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.
- KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019, 1.ed.
- LACHMANN, Thommas; WEIS, Tina. **Reading and Dyslexia From Basic Functions to Higher Order Cognition**. Literacy Studies Perspectives from Cognitive Neurosciences, Linguistics, Psychology and Education. Volume 16. Library of Congress.
- MELO NETO, João Cabral de. **Rios sem discurso**. In: MELO NETO, João Cabral de. *Poesias Completas*. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização (1876/1994)**. São Paulo: Inesp, 2000.
- NATIONAL EARLY LITERACY PANEL. **Developing early literacy**: report of the national early literacy panel. A scientific synthesis of early literacy development and implications for intervention. Washington: National Institute for Literacy, 2009.
- RAISKY, Claude. **Joseph Jacotot**: Le pédagogue paradoxal. Dijon, Editions Raison et Passions, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, 3. ed.